



**Elisângela Oliveira Tavares
Betijane Soares de Barros**

**ESCOLA E OS SEUS DESAFIOS
NO ENSINO E APRENDIZAGEM**

Elisângela Oliveira Tavares
Betijane Soares de Barros

ESCOLA E OS SEUS DESAFIOS NO ENSINO E
APRENDIZAGEM

Maceió-AL
2021



DIREÇÃO EDITORIAL: Betijane Soares de Barros

REVISÃO ORTOGRÁFICA: Autora

DIAGRAMAÇÃO: Bruna Natalia de Freitas Silva

DESIGNER DE CAPA: Editora Hawking

IMAGENS DE CAPA: Editora Hawking

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



creative commons

Todos os livros publicados pela Editora Hawking estão sob os direitos da Creative Commons 4.0

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2021 Editora HAWKING

Rua Luiz Clemente de Vasconcelos, 725B, Clima Bom I. Maceió/AL.
CEP 57071-040.

www.editorahawking.com.br

editorahawking@gmail.com

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

T231

Tavares, Elisângela Oliveira

Escola e os seus desafios no ensino e aprendizagem /
Elisângela Oliveira Tavares, Betijane Soares de Barros.
– Maceió: Hawking, 2021.

Livro em PDF

41 p., il.

ISBN 978-65-88220-22-1

1. Educação. I. Tavares, Elisângela Oliveira. II. Barros, Betijane Soares de. III. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

I. Educação

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
CAPÍTULO-01: A escola e os seus desafios no ensino e aprendizagem	06
CAPÍTULO-02: Os desafios de ensinar e aprender: os maiores desafios do ensino e aprendizagem	16
CAPÍTULO- 03: A família na escola	19
CAPÍTULO-04: A função da escola	25

APRESENTAÇÃO

A atual pesquisa tem como tema a dificuldade de aprendizagem no ensino fundamental II: sob a perspectiva da prática pedagógica, tendo como linha de pesquisa científica: educação, sociedade e cidadania. A temática aqui apresentada possui relevante importância no meio acadêmico, pois, questões relacionadas ao desenvolvimento da aprendizagem estão em debate, sendo discutidas em muitos artigos científicos.

A maioria das crianças se adaptam bem no sistema escolar, apresentando comportamento adequado e se desenvolvendo bem, mas uma parte destas crianças não responde as expectativas do sistema escolar ou porque não conseguem atenção nas atividades propostas, são agitadas demais ou porque apresentam autoestima baixa, ou ainda, porque tem baixa capacidade de organização.

As causas da dificuldade de aprendizagem é um problema bastante discutido, podem estar relacionadas a alguns fatores em situações adversas a aprendizagem como déficit sensorial, abandono escolar, baixa condição socioeconômica, problemas cognitivos e neurológicos. Esses são os desafios enfrentados pelos professores em sala de aula, perceber as dificuldades de aprendizagem e atuar de forma apropriada sobre elas, é uma forma de fazer acontecer à aprendizagem significativa.

CAPÍTULO 01

A ESCOLA E OS SEUS DESAFIOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM



A escola é um ambiente de aprendizagem com sua construção de conhecimento compartilhado entre aluno e professor. Pois, envolve diversos aspectos entre ensinar e aprender e assim a troca de informação. A escola é um ambiente de aprendizagem onde há grandes pluralidades culturais, mas que direciona a construção de significados entre aluno e professor (LEWKOWICZ et al., 2019).

A escola pela qual se busca é o desenvolvimento cultural e científico do cidadão, preparando os jovens para a vida, para o trabalho através da educação.

As relações entre professor/aluno/conteúdos, não são estáticas, mas dinâmicas, pois se trata de atividades de ensino como um processo coordenado de ações docentes (LEWKOWICZ et al., 2019).

Entende-se que a escola é um dos agentes responsáveis pela integração da criança na sociedade, além da família, e é um componente capaz de contribuir para o

desenvolvimento de uma socialização da criança. De fato, o que acontece é que quando os alunos não respondem ao que a escola espera, muitas vezes, pais, professores, psicólogos, psicopedagogos ou médicos são solicitados para entender o que está acontecendo com as crianças (LEWKOWICZ et al., 2019).

O estudo do processo da aprendizagem humana e suas dificuldades são, atualmente, bastante desenvolvidos pela psicopedagogia, levando-se em consideração as realidades interna e externa, utilizando-se de vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os. Procurando compreender de forma global e integrada os processos cognitivos, emocionais, orgânicos, familiares, sociais e pedagógicos que determinam à condição do sujeito e interferem no processo de aprendizagem, possibilitando situações que resgatem a aprendizagem em sua totalidade de maneira prazerosa (GIUGLIANI et al., 2020).

Na maioria das vezes, as crianças começam a apresentar dificuldades de aprendizagem no começo do seu processo de escolarização. No início da escolaridade, percebe-se que há dois grandes eixos de dificuldades: as ligadas ao conhecimento matemático, e as relacionadas ao conhecimento linguístico (GIUGLIANI et al., 2020).

Cada aluno é único e que seus problemas e dificuldades devem ser entendidos em uma complexa rede de significados que se cruzam e entrecruzam. Porém, neste momento serão apontadas apenas as ações gerais que as escolas e os professores podem tomar frente às dificuldades escolares (GIUGLIANI et al., 2020).

Durante este processo, há a formação da identidade pessoal da criança, a qual acontece através da resolução de conflitos de aquisições, sendo a aprendizagem o resultado da interação das necessidades que vão se alterando e, deste modo, conformando novos conflitos que influenciam a maneira como novas etapas no desenvolvimento serão experimentadas posteriormente (MAURÍCIO; BUENO, 2019).

No período escolar, além do aluno lidar com as exigências do ensino formal, há também os aspectos emocionais que se fazem presentes na relação com os professores, colegas e também no desempenho das avaliações (CARVALHO et. al., 2019).

Quanto à escola, esta deve oferecer subsídios materiais, mas jamais esquecendo de oferecer um espaço privilegiado para o bom desenvolvimento da aprendizagem, pois através dela o aluno pode ter um convívio direto com novas perspectivas de conhecimentos e diferentes contatos. A escola não pode ser apenas transmissora de conteúdos e conhecimentos, muito mais que isso, tem a tarefa e o papel de evitar que o aluno seja apenas um receptor, mas proporcionar a ele, que seja o criador do seu conhecimento, da mesma forma, levar o aluno a pensar e buscar informações para o seu desenvolvimento educacional cultural e pessoal (CARVALHO et. al., 2019).

A equipe escolar deve apoiar seus professores para que estes tenham um bom desenvolvimento com seus alunos para ele ensinar com prazer e o aluno possa aprender com prazer e dedicação. Pois o processo

educacional no ensino fundamental, passa por desencontro, a falta de comprometimento acontece tanto por parte da escola com por parte de muitos pais, do outro lado encontra-se o professor em uma situação de conflito, porque em algumas casas não receber uma formação específica para trabalhar com esses alunos. E de outros termos o próprio aluno que sente excluído com o ensino e as suas dificuldades de aprendizagem (RODRIGUES; CIASCA, 2020).

A educação está constituída sobre afirmação na igualdade de todos os cidadãos, como articular a igualdade com a diferença com a expressão da oralidade social e cultural (GADELHA et. al., 2018).

A vida escolar exerce vários grupos facilitando sua integração. Nota-se que há uma forma global em seu contexto. Na escola o professor constitui propiciar e garantir um ambiente amigável para que as aprendizagens de seus alunos sejam prazerosas. A educação ocorre no espaço dentro e fora da escola em diferentes cerimônias com eficiência ao alcance do objetivo com a formação do aluno. Propiciando a educação para todos com o compromisso de contribuir com a aprendizagem dos seus alunos (SANTOS; SGARBI, 2018).

O conhecimento forma-se a compreensão do mundo. Há uma elaboração no pensamento em busca do significado. Contudo é uma ação prática elaborada no pensamento que conduz a ação (SANTOS; SGARBI, 2018).

Nesse sentido, buscou-se conhecer e compreender, todas as situações vividas, o conhecimento tem como

objetivo a convivência com o mundo, para transformá-lo, existe a sua compreensão e interpretação, a busca do conhecimento (CANTARELLI; GENRO, 2016).

A lei de diretrizes e bases da educação nacional é marcada pela possibilidade para a realização de transformações no currículo escolar, apresenta conceitos de flexibilidade e inovação pedagógicas relacionadas diretamente a aprendizagem dos alunos, onde todos os processos da escola estão presentes desde o princípio. Cada vez mais a participação da sociedade no planejamento educacionais.

A função da escola definida pela Constituição Federal (1988), expressa o direito de todos à educação esclarecendo que esse direito visa o pleno desenvolvimento da pessoa para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho dessa forma, o essencial é assegurar uma educação de qualidade para todos.

O aluno busca o conhecimento em sala de aula e as informações transmitidas no seu ensino-aprendizagem com dedicação. Pois o professor auxilia na produção do conhecimento de cada aluno conduzindo com o processo de aprender, colocando-se ênfase nas aulas (DÉJARDIN, 2018).

Para dar início a esta exposição é necessário definir o que são Dificuldades de Aprendizagem, mesmo sabendo que as definições construídas ao longo da história do seu estudo são muitas e a cada dia recebem contribuições das mais variadas áreas que hoje fundem-se para melhor colaborarem nas intervenções (BARBOSA; MÜLER, 2015).

As Dificuldades de Aprendizagem como permanentes, que deve ser interpretado aqui como se uma lesão ou forma de processamento está prejudicada. Certamente não será modificada ao longo da vida do indivíduo, contudo, hoje até quando se fala em lesões cerebrais graves, não se pode afirmar que o dano é sinônimo de que a pessoa nunca mais fará alguma atividade (BEZERRA, 2016).

A convicção de que o ponto de vista curricular para abordar as dificuldades de aprendizagem pode permitir melhorar a qualidade da educação. As necessidades especiais são especiais à medida que podem dar pistas sobre possibilidades de melhoramento que de outro modo passariam despercebidas. Devido a mudanças de perspectiva identificada, percebe-se o aumento da demanda de trabalho do professor e a necessidade de uma maior quantidade de informações sobre alunos (BEZERRA, 2016).

A escola inclusiva pretende atualmente uma mudança de perspectivas com relação à educação especial. O objetivo é ajudar todas as crianças a terem sucesso na escola, incluindo as que têm de ultrapassar deficiências e dificuldades específicas. O que se espera não é apenas uma escola inclusiva, porém, uma sociedade capaz de incluir todos em seu sistema (CAMPOS; PARO, 2017)

A aprendizagem é um mecanismo de aquisição de conhecimentos que são incorporados aos esquemas e estruturas intelectuais que o indivíduo dispõe em um determinado momento. Trata-se de um processo contínuo que começa pela convivência familiar, pelas culturas,

tradições e vai aperfeiçoando-se no ambiente escolar e na vida social de um indivíduo, sendo assim um processo que valoriza as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento e tem como objetivo a elevação da experiência, formação, raciocínio e observação. Essa ação pode ser analisada a partir de diferentes pontos de vista, de forma que há diferentes teorias de aprendizagem (CAMPOS; PARO, 2017).

Nota-se que a aprendizagem parte do equilíbrio e a sequência da evolução da mente, sendo assim um processo que não acontece isoladamente, tanto pode partir das experiências que o indivíduo acumula no decorrer da sua vida, como também por meio da interação social (CRUZ; STEFANINI, 2019).

De acordo com Piaget (1974) “a aprendizagem ocorre pela ação da experiência do sujeito e do processo de equilibração”. Essa afirmação demonstra que a aprendizagem não parte do zero, mas sim, de experiências anteriores, o indivíduo vai desenvolvendo sua capacidade de assimilação através da organização do esquema cognitivo.

Vygotsky (1991) “a aprendizagem é o resultado da interação dinâmica entre a criança com o meio social”, sendo que o pensamento e a linguagem recebem influências do meio em que convivem. O funcionamento cognitivo da mente está relacionado à reflexão, planejamento e à organização das estruturas lógicas e vai adequando-se a mediação simbólica e social.

Segundo Vygotsky (1991) “a aprendizagem acontece por meio de uma zona de desenvolvimento proximal”, que pode ser definida da seguinte forma:

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O nível real exprime o desempenho da criança ao realizar suas tarefas sem ajuda de ninguém, e o nível potencial representa aquelas tarefas que a criança só consegue realizar com ajuda de alguém. (VYGOTSKY, 1991, p. 97).

A aprendizagem é interligada por quatro componentes cognitivos fundamentais que são: o input (responsável pelas informações recebidas pelos sentidos visual e auditivo), a cognição (responsável pelos processos de memorização, consistência e processamento simultâneo e sequencial de informações), o output (responsável pelos processos motores como desenhar, ler, escrever, ou resolver problemas) e a retroalimentação (responsável pela repetição, organização, controle e realização das atividades) (ARAÚJO; WESCHENFELDER, 2019).

O ensino e aprendizagem no Brasil apresenta desafios de várias ordens, as quais: estruturais, pedagógicos, financeiros, sociais, culturais, etc. O desenvolvimento do ensino e aprendizagem brasileiro está entre os últimos no ranking mundial. O Brasil explicita o quanto a educação está sendo relegada a segundo plano nas políticas públicas do país, mas é necessário lembrar que o acesso à escola não garante o aprendizado, muitos destes alunos desenvolverão ao longo de sua trajetória

pessoal e escolar o analfabetismo funcional. Nas regiões onde o acesso é menor a preocupação com a qualidade do ensino e aprendizagem é maior ainda, em algumas escolas falta quase tudo, de material escolar à merenda, das salas de aula a profissionais (ALVES et. al., 2016).

Os problemas do ensino e aprendizagem no Brasil, além de diversos, são também complexos, muitas escolas tem uma estrutura física incompatível com a clientela que atende, espaço pequeno demais para o número de alunos, falta pátio, biblioteca, quadra para as aulas de educação física, muros para garantir a segurança dos discentes; em outras, o corpo docente não tem formação superior na área em que atua, e os professores que possuem formação não fazem ou não fizeram nenhuma capacitação, o que torna seus conhecimentos e métodos de trabalho obsoletos, ultrapassados e cria um abismo entre professor e aluno, a junção de tudo isso afeta diretamente no ensino e aprendizagem (SANTOS et. al., 2016).

Quanto ao fator sociocultural, as equipes pedagógicas não conseguem desenvolver projetos que permitam aos alunos ter contato com a cultura de sua região, ou país. Levá-los para fora dos muros da escola, e ter contato com as diversas formas de manifestação cultural existentes em nosso país, entre si, entre as comunidades da própria cidade ou das cidades vizinhas (FURLAN et. al., 2020).

Tantos problemas requerem soluções rápidas, algumas mais difíceis que outras de se resolver. Pensar no ensino e aprendizagem e seu futuro no Brasil prevê então uma reformulação de todo o sistema educacional, em

caráter de emergência, e atentar para a educação infantil que é a base da educação, fornecer a este nível de ensino melhor estrutura, profissionais habilitados, recursos materiais, etc., promover ações de formação e capacitação de professores, estabelecer um piso salarial para a classe que seja condizente com suas responsabilidades podem ser algumas ações que permitam à educação avançar rumo à qualidade tão esperada, desejada e necessária. A qualidade que defende a lei, que garante a todos igualdade (MENDONÇA; PIRES, 2020).

CAPÍTULO 02

OS DESAFIOS DE ENSINAR E APRENDER: OS MAIORES DESAFIOS DO ENSINO E APRENDIZAGEM



- Ensinar o conteúdo a todos os alunos de maneira que haja o máximo de aproveitamento pelos discentes;
- Lidar com as dificuldades e os limites que cada estudante apresenta;
- Conseguir a compreensão da escola para os problemas que alguma criança ou adolescente demonstrar quanto ao aprendizado;
- Criar uma parceria com a família a fim de propiciar formas de comunicação entre escola – empresa;
- Tornar o ambiente mais agradável aos alunos;
- Disponibilizar materiais que atraiam o interesse pedagógico do estudante;
- Priorizar as necessidades de um aluno sem perder o foco no restante da turma (GIUGLIANI et al., 2020).

O ensino e a aprendizagem de uma criança é um processo bastante complexo. Sendo assim, nada melhor que contar com o auxílio de profissionais que pertencem a áreas que vão além dos muros da escola. Psicopedagogos, psicomotricistas, psicólogos e fonoaudiólogos são apenas alguns dos especialistas que podem estabelecer um trabalho em conjunto com os educadores (GIUGLIANI et al., 2020).

Partindo do princípio de que o comportamento humano se forma a partir das peculiaridades e condições biológicas e sociais de seu desenvolvimento, entendemos que a aprendizagem se constitui por meio de mediações, orientações, experiências e ações (GIUGLIANI et al., 2020).

Destaca a importância da atuação dos outros membros do grupo social na mediação entre cultura e o indivíduo, pois uma intervenção deliberada desses membros da cultura, nessa perspectiva, é essencial no processo de desenvolvimento para o ensino e aprendizagem. O processo do ensino e da aprendizagem ocorre pela interação, nas trocas, na socialização. Portanto, é falso afirmar que o aluno aprende sozinho a descobrir suas respostas e que a aprendizagem é resultante de uma atividade individual (CARVALHO et. al., 2019).

O professor também não é o centro do processo, que ensina para que os alunos passivamente aprendam. Ele é o mediador e, ao propor desafios aos seus alunos, ajuda-os a resolvê-los. Referindo-se ao ensino e aprendizagem, observa que a mediação do professor permite organizar as situações de aprendizagem do aluno para o saber. Nesse

sentido, é importante o professor, em sua prática pedagógica, considerar o processo histórico-cultural da criança, em si, e o da própria maneira de ensinar (CARVALHO et. al., 2019).

Os tempos mudaram e, com isso, as exigências educacionais também. A escola de hoje não é nem deve ser a mesma de alguns anos atrás, mas, para tal, é preciso enfrentar alguns desafios (CARVALHO et. al., 2019).

As velhas práticas, as ferramentas ultrapassadas e as metodologias retrógradas já não são suficientes para suprir as necessidades do atual cenário para o ensino e aprendizagem brasileiro. É preciso considerar que as informações se tornaram mais rápidas e acessíveis, que os estudantes estão cada vez mais autônomos e conectados, que as novas tecnologias e mídias sociais estão revolucionando a forma de ensinar e aprender (CARVALHO et. al., 2019).

Tudo isso requer uma escola com um perfil contemporâneo de aprendizado, que ajude o aluno a vencer todos os desafios que a sociedade impõe. Nesse contexto, deve-se ressaltar a importância da formação continuada, com a finalidade de manter a equipe escolar sempre atualizada, inovando e aprimorando as práticas pedagógicas. O processo educativo demanda muita atualização, porque novos desafios estão sempre surgindo para o ensino e aprendizagem. Os métodos educativos estão em constante adaptação, originando novas maneiras de ensinar e aprender (RODRIGUES; CIASCA, 2020).

CAPÍTULO 03

A FAMÍLIA NA ESCOLA



A Constituição Federal, no seu artigo 205 (1998), e a Lei de diretrizes e bases (LDB, 1996), no seu artigo 2º, afirmam que:

A educação é dever da família e do Estado. A família é convocada, pelo poder público, a participar do processo de formação escolar: no primeiro momento, matriculando, obrigatoriamente, seu filho, em idade escolar, no Ensino Fundamental. No segundo momento, zelando pela frequência à escola e num terceiro momento se articulando com a escola de modo a assegurar meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento e zelando, com os docentes, pela aprendizagem dos alunos.

Assim, tanto o professor e a escola, quanto à família e a sociedade envolvem aspectos socioculturais importantes para o processo de aprendizado do aluno. Quando o aluno apresenta alguma dificuldade de aprendizagem, nem sempre os professores, os pais ou a

família possuem informações suficientes para entender e enfrentar adequadamente o processo. Assim, os pais cobram das escolas respostas e resultados, e a escola, por sua vez, acusa os pais de negligência. Com este tipo de atitude e sem a preparação adequada, a escola passa a ser um lugar de acúmulo de frustrações para os alunos (CANTARELLI; GENRO, 2016).

O aluno que convive em ambiente onde não existem revistas, jornais nem livros, e que não tem modelos de leitura não tem o interesse e a motivação despertados. Possivelmente estes são alguns dos fatores que fazem surgir dificuldade de aprendizagem. Assim, a família possui papel fundamental no desenvolvimento da capacidade de aprender e cabe a ela articular-se com a escola e seus docentes, ambos zelando de forma permanente, pela qualidade de ensino (CANTARELLI; GENRO, 2016).

Os pais devem evitar transmitir o aluno a angústia e ansiedade que eles próprios sentem, diante dessas dificuldades. O importante é que eles transmitam segurança ao aluno e que compreendam a razão das suas dificuldades de aprendizagem. Os pais também devem evitar comparar o adolescente com os irmãos ou colegas da sala ou colocá-la perante situações nas quais sabem que este adolescente não tem sucesso, evitando que ela fique desmotivada (CANTARELLI; GENRO, 2016).

A família deve observar e motivá-lo. Para que compreendam melhor quando observarem os comportamentos do aluno. Filhos de pais analfabetos têm pouco contato com a escrita e a leitura, portanto, podem

necessitar de livros e material escrito bem impressos e com forma adequada para manuseio. É necessário que a família ajude na sua educação ou faça com que articule. Deve-se pedir, também, que repita as palavras, pois a repetição acaba por levá-lo, assim, à consciência da aprendizagem (ALVES et. al., 2016).

A família deve auxiliá-lo em casa, lendo para ela jornais, revistas e livros que lhe despertem interesse criar perguntas para verificar sua interpretação, determinar um tempo para que o aluno faça a lição, montar um calendário semanal com todas as atividades, tenha uma referência concreta para dinamizar as atividades de aprendizagem são atitudes que facilitam o processo de aprendizagem. Para que o aluno aumente sua autoestima, a família deve fazer elogios, encorajar e falar bem de suas qualidades e pontos fortes. Quando tentar fazer algo que considera difícil, encorajá-la a não desistir; não depreciar seus acertos; tranquilizar e ressaltar sua esperteza e sua inteligência. É necessário envolvê-la para que possa desenvolver suas habilidades (ALVES et. al., 2016).

A família tem o papel de zelar, a exemplo dos docentes, pela aprendizagem. Isto significa acompanhar, de perto, a elaboração da proposta pedagógica da escola, não abrindo mão de prover meios, para a recuperação dos alunos de menor rendimento ou em atraso escolar, garantindo meios de acesso aos níveis mais elevados de ensino (ALVES et. al., 2016).

Ao construir uma relação entre escola e família, deve ser para planejar, estabelecer compromissos e acordos mínimos para que o educando tenha uma educação com

qualidade tanto em casa quanto na escola (CRUZ; STEFANINI, 2019).

Não existe uma única forma correta de envolver os pais. As escolas devem procurar oferecer um menu variado que se adapte às características e necessidades de uma comunidade educativa cada vez mais heterogênea. A intensidade do contato é importante e deve incluir reuniões gerais e o recurso à comunidade escrita, mas sobretudo os encontros a dois. Intensidade e diversidade parecem ser as características mais marcantes dos programas eficazes (CRUZ; STEFANINI, 2019).

A relação escola-família parece encontrar-se, atualmente numa encruzilhada: por um lado, a vida urbana e tudo o que esta implica em levar à crescente demissão das responsabilidades familiares e conseqüentemente, a escola terá de servir de “abrigo”, tendo, por isso, incumbências educativas que competem à família; por outro lado, e felizmente, cada vez existem mais pais que tentam participar na vida escolar dos filhos (CAMPOS; PARO, 2017).

Desta forma, parece caber à escola dar o primeiro passo no sentido de preencher a lacuna existente em termos de comunicação “positiva” não só entre a escola e a família, mas também entre estas e a comunidade, mas esta comunicação não deverá fazer-se num sentido único, sendo desta forma fundamental que os professores sintam necessidade de se comunicarem com a família dos alunos e partilharem com eles o poder de decisão (SANTOS et. al., 2016).

A educação “move-se” como um processo de socialização com duas dimensões distintas: social, onde a herança cultural é transmitida às novas gerações através do trabalho de várias instituições, e; individual, onde a aquisição de conhecimentos, as habilidades, as competências e os valores estão em constante desenvolvimento (SANTOS et. al., 2016).

No entanto, a dimensão individual está subordinada à social no contexto de interesses, objetivos e relações de poder dependentes da idade, seja na família ou na escola (SANTOS et. al., 2016).

Ao longo da história e em diferentes sociedades, os modos de educação e de reprodução social variaram entre os grupos e classes de uma mesma sociedade. Educar, no sentido geral de criar crianças, não é atribuição exclusiva quer dos pais/mães biológicos, quer da família, quer da escola. O cuidado dos mais jovens, a transmissão da cultura do grupo social (conhecimento, produção, relação e participação) e a preparação para os papéis de adultos (na guerra, no trabalho, na sexualidade, na família e na cidadania) eram tarefas assumidas por vários indivíduos, grupos e instituições (mães, pais, avós, professores, famílias extensas, clãs, tribos, vizinhança, comunidade, igrejas e escolas) que tratavam da sua organização e manutenção (SANTOS et. al., 2016).

Havia diversas maneiras de transmitir sentimentos, valores, conhecimentos, desenvolver habilidades e competências que depois fossem socialmente valorizadas (o currículo), podendo variar em relação à organização e práticas (onde, quando, como, por quanto tempo), em

relação ao conteúdo (quais os saberes que se devem tornar hábitos, habilidades, matérias escolares), agências e agentes encarregados (quem é responsável pela organização e ensino) e sujeitos alvo (de acordo com categorias, como idade, sexo, classe e raça). Mulheres, pessoas pobres, negras e indígenas foram excluídas durante muito tempo, ou tiveram acesso a escolas e currículos diferenciados (DÉJARDIN, 2018).

Esta organização, funciona como um processo multifacetado de aprendizagem e de desenvolvimento humano, baseado na experiência e participação nas várias práticas e espaços sociais ao longo da vida. O fato de ser tornado sinônimo de escola é, por sua vez considerado um fenômeno histórico (FURLAN et. al., 2020).

É muito importante que família e escola se unam na criação de uma “aliança” com vista a conseguirem ajudar educandos e conseqüentemente alunos, de forma a que os consigam tornar cidadãos ativos e capazes de agir na sociedade dos nossos dias (FURLAN et. al., 2020).

CAPÍTULO 04

A FUNÇÃO DA ESCOLA



A função da escola, num âmbito geral, é formar cidadãos e oportunizar aos alunos os conhecimentos de que eles necessitam para viver em sociedade, e também instruir as pessoas para toda a vida. É necessário, portanto, que a escola tenha um trabalho que vise a formação da cidadania e, assim, demonstrar a importância que cada aluno tem, provocando uma consciência de seus direitos e deveres na sociedade (MENDONÇA; PIRES, 2020).

É também parte de a responsabilidade da escola oferecer uma educação de qualidade para os alunos, sem barreiras ou discriminação, onde o aluno possa crescer e desenvolver o seu aprendizado, alcançando sua autonomia social. A escola deve proporcionar ao aluno uma instrução que o conduza a usufruir toda a sua capacidade de pensar formando valores e opiniões preparando-o para que possa lutar por uma sociedade mais justa e humana, onde possa

ter assim mais igualdade para todos (MENDONÇA; PIRES, 2020).

Quando fala-se de uma educação de qualidade não se pode esquecer de que professor e todo corpo docente da instituição é responsável por esta educação transformadora e libertadora; pois o mesmo não é mais um transmissor de conhecimentos e sim um orientador, mediador que instiga as ações que proporciona aos alunos na formação de suas ideias, valores, aptidões que faça com que cresçam como cidadãos com criticidade e que possam mudar, quem sabe, por exemplo, o atual desequilíbrio e abuso do mercado de trabalho, desvalorizando muitas vezes o produto mais importante que é o conhecimento (MENDONÇA; PIRES, 2020).

Na medida em que isso acontecer, o professor chegará à conclusão de que não é apenas uma maquininha de ensinar ou um gravador ou qualquer outro aparelho. Como os alunos, ele também é uma pessoa e relaciona-se com eles de forma global, e não apenas como instrutor ou transmissor de ordens e conhecimentos. No meio escolar podemos considerar: o ambiente físico da escola além do ambiente social, incluindo o professor e sua metodologia, os alunos, e também a família como parte integrante do contexto educacional, e por isso, podem ser diretamente responsáveis pelo sucesso ou o fracasso escolar incluindo-se aí a questão dos problemas ou solução das dificuldades de aprendizagem do aluno (MENDONÇA; PIRES, 2020).

Atualmente, nas escolas é um desafio muito grande o professor trabalhar com aluno que apresentam problemas de aprendizagem, pois grande parte destes

encontra-se despreparados para trabalhar com essa realidade; pois estes profissionais devem dar conta do conteúdo programado pela escola, e o aluno deve aprender independente da sua condição. A educação dirigida, ou seja, direcionada para as dificuldades de cada aluno ainda é utópica na realidade brasileira. Somente as escolas de poder aquisitivo maior, ou seja, talvez as privadas, poderão atender o aluno em suas particularidades, oferecendo condições necessárias para o aluno com dificuldades de aprendizagem (LEWKOWICZ et al., 2019).

Aprendizagem é tudo o que é adquirido no decorrer da vida: hábitos comportamentos afetivos, identificação de valores culturais, entre outros. Isso resulta da troca de uma pessoa e do seu ambiente social, histórico e cultural vivenciado pelo indivíduo em constante transformação sendo transformador e transformado em sua história (LEWKOWICZ et al., 2019).

Dentro do processo de aprendizagem os fatores intelectuais, psicomotores, físicos e sociais interferem diretamente, sendo que o fator emocional também é considerado como sendo o responsável por grande parte da formação na educação (LEWKOWICZ et al., 2019).

O papel do professor é de fundamental importância, porque a sua atitude com o aluno vai contribuir para a formação de sua autoimagem positiva ou negativa de ver a si mesma, pois: Seu método de ensinar, suas atitudes, o jeito de se relacionar com cada aluno, e até mesmo a frequência com que ele fala com cada um, o interesse e o carinho que demonstra até sem querer,

estariam influenciando todo o desenvolvimento afetivo das crianças. A maneira positiva de o aluno ver a si mesmo, trará a ele motivação necessária para aprender e aos poucos irá se comportando de maneira independente e segura, diante das novas situações do cotidiano escolar (MAURÍCIO; BUENO, 2019).

As crianças que possuem baixo desempenho escolar e que são taxadas de incompetentes possuem quase sempre a sensação de vergonha, baixa-estima, se distanciando do aprendizado o que geralmente pode vir a acarretar num problema emocional mais grave, após um período vivido dentro desta situação, o que pode-se dizer que é um „comportamento interno de sentimentos. Os alunos mais agressivos, com sentimento de ira e que também se afastam de seus deveres escolares caracterizam um problema emocional externo. Demonstra também sentimento como frustrações, ou inferioridade devido o fracasso escolar e expondo assim um problema comportamental com explosões emocionais. Espera-se que todo educador deve ficar atento para esta situação dos problemas de aprendizagem em sala de aula inclusive nas escolas mais carentes, e tentar investigar em todos os aspectos, sejam orgânicos, psicológicos, ambientais (família, situação socioeconômica, etc.), em relação aos problemas apresentados pelo aluno para proporcionar uma solução ou amenizar estas dificuldades (MAURÍCIO; BUENO, 2019).

Dependendo do comprometimento da dificuldade do aluno, o professor deverá junto aos familiares orientar estes para que a criança seja encaminhada a diferentes

especialistas (de médicos a fonoaudiólogo, nutricionista a psicólogos). Alguns dos problemas de aprendizagem mais comuns encontrados estão relacionados à linguagem, audição e leitura. A seguir será abordado um pouco de cada uma delas. Nas escolas pode-se encontrar várias crianças com problemas de fala. No momento em que esse problema interfere no aprendizado, deve-se encaminhá-lo ao especialista; mas o professor pode ajudá-lo desenvolvendo exercícios direcionados neste sentido (MAURÍCIO; BUENO, 2019).

Será observado por exemplo tipo de emissão dos fonemas, o grau de expressão do aluno o nível do vocabulário e o ritmo da fala entre outros. Por outro lado, o professor deve ter algumas atitudes positivas que podem ajudar o aluno, pelo menos a diminuir o problema: evitar que o aluno se sinta inferior; não exigir que o aluno fale melhor do que pode; avaliar a qualidade de seus trabalhos com o mesmo critério dos outros; não deve receber nota mais alta do professor por compaixão; estimular a enfrentar o problema longe dos outros e com muito tato conversar sobre sua deficiência estimulando-o a superá-lo (RODRIGUES; CIASCA, 2020).

Problema de leitura, para aquisição da leitura e da escrita, é importante levar em consideração as condições do aluno analisando se ele já tem um desenvolvimento físico, intelectual e emocional necessários para aprender a ler e escrever. Os distúrbios de aprendizagem nessa área estão relacionados a diversas causas como: Orgânicas (deficiências sensoriais, visuais e auditivas); psicológicas (provocadas pela dificuldade que o aluno tem de aprender,

gerando ansiedade, insegurança e auto conceito negativo); pedagógica (métodos inadequados de ensino e falta de estimulação pela pré-escola, pré-requisitos necessários à leitura e a escrita, relação professor-aluno deficiente, falta de estimulação); sócio cultural (aluno que não fez a pré-escola e não é estimulada no lar, desnutrição etc.). O preparo para iniciar a leitura e a escrita (alfabetização) depende de uma complexa integração dos processos neurológicos e de uma harmoniosa evolução de habilidades básicas como percepção, esquema corporal, lateralidade etc.) (RODRIGUES; CIASCA, 2020).

Problemas de audição, problemas de audição influenciam no desenvolvimento do indivíduo e também na sua capacidade de comunicação verbal; é pela audição que se formam os meios de formação e desenvolvimento da linguagem (RODRIGUES; CIASCA, 2020).

Na escola, pode-se dizer que a interação professor-aluno para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem. Por essa razão, justifica-se a existência de tantos trabalhos e pesquisas na área da educação dentro dessa temática, os quais procuram destacar a interação social e o papel do professor mediador, como requisitos básicos para qualquer prática educativa eficiente. De acordo com as abordagens de Paulo Freire, percebe-se uma vasta demonstração sobre esse tema e uma forte valorização do diálogo como importante instrumento na constituição dos sujeitos. No entanto, esse mesmo autor defende a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de refletir e

o agir dos homens e mulheres. Diálogo é uma exigência existencial. Assim, quanto mais o professor compreender a dimensão do diálogo como postura necessária em suas aulas, maior avanço estará conquistando em relação aos alunos, pois desse modo, mais curiosos e mobilizados para transformarem a realidade. Quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel em sua prática docente (SANTOS; SGARBI, 2018).

A ideia de interação social e de mediação é ponto central do processo educativo. Pois para o autor, esses dois elementos estão intimamente relacionados ao processo de constituição e desenvolvimento dos sujeitos. A atuação do professor é de suma importância já que ele exerce o papel de mediador da aprendizagem do aluno. Certamente é muito importante para o aluno a qualidade de mediação exercida pelo professor, pois desse processo dependerão os avanços e as conquistas do aluno em relação à aprendizagem na escola. Organizar uma prática escolar, considerando esses pressupostos, é sem dúvida, conceber o aluno um sujeito em constante construção e transformação que, a partir das interações, tornar-se-á capaz de agir e intervir no mundo, conferindo novos significados para a história dos homens. Quando se imagina uma escola baseada no processo de interação, não se está pensando em um lugar onde cada um faz o que quer, mas num espaço de construção, de valorização e

respeito, no qual todos se sintam mobilizados a pensarem em conjunto (SANTOS; SGARBI, 2018).

Na teoria de Vygotsky, é importante perceber que como o aluno se constitui na relação com o outro, a escola é um local privilegiado em reunir grupos bem diferenciados a serem trabalhados. Essa realidade acaba contribuindo para que, no conjunto de tantas vozes, as singularidades de cada aluno sejam respeitadas. Portanto, para Vygotsky (1991), a sala de aula é, sem dúvida, um dos espaços mais oportunos para a construção de ações partilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino aprendizagem.

Pode-se dizer também que o ato de educar é nutrido pelas relações estabelecidas entre professor-aluno talvez único, capaz de desenvolver e elevar o indivíduo intelectual e culturalmente dentro de uma sociedade. Entretanto, as relações estabelecidas no contexto escolar entre alunos e professores têm exigido bastante atenção e preocupação por parte daqueles que encaram a escola como espaço de construção e reconstrução mútua de saberes (SANTOS; SGARBI, 2018).

Nesse sentido, acredita-se que uma das tarefas das equipes pedagógicas de qualquer escola, é a criação de estratégias eficazes, no sentido de promover uma formação continuada, a qual possibilite uma relação pedagógica significativa e responsável entre professores e alunos, garantindo a todos a melhoria no processo ensino aprendizagem (CANTARELLI; GENRO, 2016).

Entende-se que cada ser humano, ao longo de sua existência, constrói um modo de relacionar-se com o outro, baseado em suas vivências e experiências. Dessa forma, o comportamento diante do outro depende da natureza biológica, bem como da cultura que o constituiu enquanto sujeito. No que diz respeito à dimensão afetiva o ser humano e como ela é significativa na construção da pessoa e do conhecimento (CANTARELLI; GENRO, 2016).

Para Vygotsky (1991) a afetividade e a inteligência são inseparáveis, uma vez que uma complementa a outra. Tais reflexões fornecem pistas fundamentais aos professores que atuam com essa faixa etária. Segundo o autor, a juventude inicia-se com uma crise marcada por mudanças na estruturação da personalidade. É um momento no qual o adolescente volta-se para questões que estão mais diretamente ligadas ao seu lado pessoal, moral e existencial. Nesse sentido, a afetividade torna-se um dos fatores preponderantes no processo de relacionamento do adolescente consigo mesmo e com os outros, contudo, isso ocorre a partir de um caráter cognitivo já estabelecido, ou seja, ele consegue gerir uma exigência racional nas relações afetivas. Normalmente é uma fase marcada por muitos questionamentos, fortes exigências, novas experiências e constantes preocupações (CANTARELLI; GENRO, 2016).

Diante de tantas alterações físicas e emocionais, muitas vezes não conseguindo conter ou canalizar tanta energia, iniciam-se os confrontos com pais, professores e até com colegas. Considera-se esse período o mais marcado pelas transformações, talvez seja essa uma das

razões pelas quais exista um enorme desejo de se romper com os modelos pré-estabelecidos (BEZERRA, 2016).

O desenvolvimento do adolescente é marcado por muitos conflitos, sendo assim, a escola precisa criar um ambiente mais estimulante e afetivo que possibilite a esse adolescente enxergar-se nesse processo. Por esse motivo, a mediação do professor é uma contribuição que irá ajudar o aluno do segundo segmento do Ensino Fundamental a dar sentido ao seu existir e ao seu pensar. É importante que se ressalte que, quando se fala em proporcionar uma relação professor-aluno baseada no afeto, de forma alguma, confunde-se aqui afeto com permissividade (BEZERRA, 2016).

Pelo contrário, a ação do professor deve impor limites e possibilidades aos alunos, fazendo com que estes percebam o professor como alguém que, além de lhe transmitir conhecimentos e preocupar-se com a apropriação dos mesmos, compromete-se com a ação que realiza, percebendo o aluno como um ser importante, dotado de ideias, sentimentos, emoções e expressões (BEZERRA, 2016).

Assim, deve buscar desenvolver atividades que envolvam os alunos de forma integrada, ou seja, deve orientar sua prática para que desenvolva a expressividade, a emoção, a personalidade e o pensamento criativo. Isso vem reforçar a ideia de que os professores, quando buscam aprofundar seus conhecimentos sobre a importância da afetividade na escola, estão, na verdade, procurando entender tanto de seres humanos, quanto de conteúdos e técnicas educativas (BEZERRA, 2016).

Assim, é necessário conceber a sala de aula como um rico espaço de relações entre alunos e professores. Levando em conta esse cenário de oposição e interação em que, muitas vezes, o convívio harmônico é quase impossível, faz-se necessário salientar mais uma vez o diálogo como um instrumento importante nessas relações (ALVES et. al., 2016).

Os adolescentes começam a manifestar um comportamento mais independente e surgem as preocupações com os acontecimentos. Isso só confirma que a imprecisão não está apenas no jovem, mas também naqueles que com eles convivem (ALVES et. al., 2016).

Para os professores, entender esse período de transformação da vida humana é fundamental para o bom relacionamento com os alunos, bem como para a organização de novas práticas pedagógicas (ALVES et. al., 2016).

Cabe à escola então, despertar o interesse e os sonhos desses jovens, do contrário só poderá constatar que todo espaço é desinteressante para quem para de sonhar. Sabe-se que um dos objetivos da educação é promover o desenvolvimento intelectual e pessoal do aluno, então por que não concentrar esforços em projetos e ações educativas que incentivem a participação desses jovens, preparando-os para uma atuação crítica e criativa na sociedade (ALVES et. al., 2016).

Infelizmente, ainda prevalece, no senso comum, a ideia de que os jovens significam problemas para a sociedade. Na verdade, o que está sendo esquecido é que essa faixa etária faz parte de um contexto social bem maior,

o qual está passando por várias transformações e crises em vários setores. Essas transformações acabam provocando mudanças no comportamento de todas as pessoas, gerando crises de valores e uma crescente desigualdade social (GADELHA et. al., 2018).

Na educação, observa-se por parte de muitos educadores uma preocupação com esses problemas, contudo é preciso acreditar que a educação, muito além de promover o acúmulo de conhecimentos, possibilita aos adolescentes novas formas de se posicionarem diante da realidade. Nesse sentido, um dos maiores desafios que ora se impõe para a escola, é propiciar um trabalho voltado para o desenvolvimento da capacidade de pensar dos alunos (GADELHA et. al., 2018).

Para tanto, mais uma vez se reconhece a importância e o papel fundamental do professor, enquanto elemento articulador capaz de organizar patamares de encontro entre aquilo por que o aluno demonstra ter interesse e o que a escola realmente precisa trabalhar. O que se deseja propor com essa reflexão é que, numa ação coletiva, professores repensem a organização de suas atividades docentes, partindo em busca de práticas que sensibilizem os jovens a participarem ativamente da construção de seus conhecimentos e de suas vidas escolares (GADELHA et. al., 2018).

Para que os alunos possam aprender de fato, buscando desenvolver um espírito cada vez mais crítico e criativo, não se pode ignorar o mundo no qual esses jovens vivem. E para que essas proposições venham a se efetivar na prática, acredita-se que é essencial começar ouvindo os

alunos, conhecendo melhor suas opiniões, anseios e sonhos. Demonstrando-lhes a importância e o valor de um envolvimento ativo no trabalho educativo é, sem dúvida, redesenhar uma nova escola. Como entender esse processo? Muitos pesquisadores consideram o ensino e a aprendizagem marcos na construção do conhecimento. Assim, não se pode compreender a importância do primeiro, sem reconhecer o significado a que o segundo remete nessa construção (GADELHA et. al., 2018).

Sabe-se que esses conceitos sofreram várias transformações no decorrer da história de produção de conhecimento pelo homem (GADELHA et. al., 2018).

Nesse sentido, o processo ensino-aprendizagem tem sido caracterizado de diferentes formas, ora procura dar ênfase à figura do professor como detentor do saber, responsável pela transmissão do conhecimento, vem destacar o papel do aluno como sujeito aprendiz, construtor de seu conhecimento (GADELHA et. al., 2018).

REFERÊNCIA

ALVES, D. C.; CASELLA, E. B.; FERRARO, A. A. Spelling performance of students with developmental dyslexia and with developmental dyslexia associated to attention deficit disorder and hyperactivity. **Codas**, v. 28, n. 2, p. 123–131, 2016.

Araújo, Weschenfelder, 2019 (Esse já está nas referências, eu fiz a citação errada o correto é: SEIBT et. al., 2019) - SEIBT, C. L. et. al. Aprendizagem e sala de aula no ensino

médio a partir da perspectiva do educando. *Revista Cocar*, v. 13, n. 27, set./dez./2019.

BARBOSA, E. F.; MÜLER, M. C. Formação docente: saberes e práticas necessárias para a escola contemporânea. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE**, v. 31, n. 3, p. 587, 2016.

Bezerra, 2016 (esse não tá nas referências, tem q colocar) - BEZERRA, Amélia Cristina Alves. TECENDO CAMINHOS E AFIRMANDO SENTIDOS ENTRE CIDADANIA, ESPAÇO E GEOGRAFIA ESCOLAR. *Revista Tamoios*, [S.l.], v. 12, n. 2, dez. 2016. ISSN 1980-4490. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/23532>>. Acesso em: nov. 2020.

CAMPOS, H. M. et al. Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes. **Saúde em Debate**, v. 41, n. 113, p. 658–669, 2017.

CANTARELLI, J. M.; ELLY, M.; GENRO, H. Professores e diversidade na sala de aula: desconstruindo. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 2, p. 280-297, mai./ago. 2016.

CARVALHO, I. C. DE M.; MEDAETS, C.; MEZIÉ, N. “Uma aula assim muito forte”: aprendizagem, escola e ritual em tempos de ocupação. **Psicologia Política**. vol. 19, nº 45, pp. 244-260, mai-ago. 2019.

CAVALLIERI, G. V. et al. Desempenho de alunos com e sem dificuldades de aprendizagem do 4º ano do ensino fundamental em tarefas da consciência fonológica.

Distúrb. comun., v. 28, n. 4, p. 686–693, 2016.

CRUZ, S. A. B.; STEFANINI, M. C. B. **Dificuldades de aprendizagem de alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental: o olhar do professor.** p. 67–92, 2019.

DÉJARDIN, I. P. Possibilidades socioambientais e interdisciplinares da cidadania a partir do que dizem alunos e professores de uma escola pública de ensino fundamental em Salvador-Bahia. **Educação (UFSM)**, v. 43, n. 1, p. 27, 2018.

FURLAN, E. G. M. et al. Inclusão na educação superior: formação e experiência docente TT - Inclusion in higher education: training and teaching experience. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 25, n. 2, p. 416–438, 2020.

GADELHA, T. A. et al. Habilidades metalinguísticas e funções executivas em crianças com dificuldades de aprendizagem: uma metanálise. **Revista Psicopedagogia**, v. 35, n. 108, p. 318–328, 2018.

GIUGLIANI, C. et al. A escola como espaço de participação social e promoção da cidadania: a experiência de construção da participação em um ambiente escolar. **Saúde em Debate**, v. 44, n. spe1, p. 64–78, 2020.

LEWKOWICZ, A. B. et al. Violência social e ética nas instituições de ensino. **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 26, n. 3, p. 443-454, dezembro 2019.

MAURICIO, A. C.; BUENO, G. Psicologia Social Comunitária na Escola: Grêmio Estudantil e Pertencimento. **Revista Polis e Psique**, v. 9, n. 3, p. 231–242, 2019.

MENDONÇA, K. J. R.; PIRES, F. F. AS APRENDIZAGENS RITMADAS PELAS CRIANÇAS: Batucando na Escola Viva Olho do Tempo (João Pessoa, PB). **Educação em Revista**, v. 36, p. 1–16, 2020.

RODRIGUES, S. DAS D.; CIASCA, S. M. Tradução e adaptação para o português (brasileiro) da bateria de aferição de competências matemáticas (BAC-MAT). **Revista Psicopedagogia**, v. 37, n. 113, p. 168–182, 2020.

SANTOS, J. B. G. et al. Sinais sugestivos de estresse infantil em escolares com transtorno de aprendizagem. **Revista CEFAC**, v. 18, n. 4, p. 854–863, 2016.

SANTOS, L. B.; SGARBI, A. D. Escola E Comunidade: Pesquisa E Extensão Em Busca Da Cidadania Emancipatória. **Revista Brasileira De Extensão Universitária**, v. 9, n. 3, p. 135, 2018.

VYGOTSKY, L. S. A. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

